

CADERNOS DE TEATRO



N.º 8

— Um estudo da história da literatura dramática, feito de uma maneira mais viva e menos teórica do que a forma tradicional de conferências.

— A possibilidade — para os leitores e para o público, já que as leituras serão apresentadas no Tablado, com entrada franca — de tomar contato com textos dramáticos importantes, mas considerados “não comerciais”, ou de encenação difícil.

— Em certos casos, esperamos que uma leitura poderá chamar a atenção de elencos profissionais ou amadores sobre a possibilidade de encenar alguma obra de valor, ainda desconhecida no Brasil.

— Os ensaios das leituras representarão um valioso treino para os atores: visando um aperfeiçoamento da sua “técnica de ler”; acostumando-os a um trabalho aprofundado de estudo do texto, que nem sempre é possível quando se trata de uma encenação; e inculcando-lhes um respeito pelo valor do texto em si, uma humildade diante do texto, o que nos parece essencial como reação contra a tentação sempre presente do efeito cênico gratuito.

— As leituras poderão também constituir uma espécie de teste das possibilidades de certos atores, oferecendo uma orientação para seu aproveitamento em futuros espetáculos.

— Trata-se de um trabalho de equipe por excelência.

Na seleção dos textos a serem apresentados, pretendemos, mesmo no ciclo histórico, dar preferência, sempre quando possível a obras pouco conhecidas entre nós — se bem que de autores de primeiro plano — para conferir ao nosso trabalho um aspecto mais definido de divulgação cultural.

Estudamos, também, a possibilidade de criar um terceiro ciclo, de peças brasileiras inéditas, que daria aos nossos novos autores uma oportunidade de terem os seus originais lidos em público.

As atividades do Clube foram inauguradas com a leitura da peça “A luz de uma fogueira” (The lady’s not for burning) de Christopher Fry, sem dúvida um dos nomes mais importantes da literatura teatral contemporânea, mas ainda completamente desconhecido no Brasil. Para esta leitura, tivemos a honra de contar com uma esplêndida tradução feita especialmente a pedido do nosso Clube por D. Laura Margarida de Queiroz Costa. O elenco constava de Lejzor Bronz, Carlos Augusto Nem, Elizabeth Gallotti, Joel Lopes de Carvalho, Inez Almeida, Aristeu Berger, Fernando José, Bárbara Heliadora, Nildo Parente, Germano Filho e Ezequias Marques Jr., sob a direção de Yan Michalski, tendo Juarezita Alves como assistente. Acreditamos que o resultado desta primeira experiência foi bastante animador, pois o interesse suscitado pela leitura, e a comunicação sustentada entre os intérpretes e a platéia durante todo o decorrer da sessão — apesar de se tratar de uma peça excepcionalmente longa e de aceitação bastante difícil — ultrapassaram as nossas expectativas mais otimistas.

Na próxima leitura, o Clube de Teatro de “O Tablado” apresentará uma tragédia grega, possivelmente “Edipo em Colona” de Sófocles.

* * *

Estreou dia 11 de abril a peça infantil “A BRUXINHA QUE ERA BOA”, peça em 1 ato de Maria Clara Machado, 1.º prêmio no Concurso anual de peças infantis da Prefeitura do Distrito Federal em 1955.

A peça foi dirigida por Maria Clara Machado, com cenário de Anna Letycia, figurinos de Kalma Murtinho e música de Reginaldo de Carvalho.

Esta peça concorreu no dia 27 de abril para o Festival de teatro Infantil, organizado pelo Serviço Nacional de Teatro, no teatro João Caetano.



“A Bruxinha que era Boa” foi considerada a melhor peça do Festival Infantil. — Eis o parecer da Comissão julgadora:

“O júri, integrado pela Sra. Iní Caldeira, representante do INEP, e pelos teatrólogos Joraci Camargo e Gustavo Dória, recomendou uma classificação especial para a peça “A Bruxinha que era boa”, tendo em vista o valor do texto e concorrência dos fatores de ordem pedagógica, realçados pelos elementos plásticos utilizados na mise-en-scène. Essas circunstâncias tornaram evidente a superioridade da peça de Maria Clara Machado sobre as demais, motivando a necessidade do estabelecimento de um critério que não compromettesse a classificação, nos três primeiros lugares, de outros originais considerados como dignos de premiação”.